

A lesbianidade como resistência no futebol e nos futebóis

Lesbianism as resistance in football and in the many forms of football

Julia Beatriz Silva Vicente Chaves¹, UFS

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a existência e as resistências das mulheres no futebol em perspectiva às categorias de gênero e de sexualidade sob a abordagem teórica de Monique Wittig. Nesse sentido, a pesquisa constrói-se no contexto que perpassa sobre as imposições de gênero e de sexualidade hegemônicas, em vista de uma realidade heteronormativa que se estende para além das quatro linhas dos campos de futebol. Metodologicamente, trata-se de um estudo de cunho teórico e analítico defronte à análise sobre a realidade do futebol de mulheres no Brasil exposto nas exposições virtuais do Museu do Futebol e redes sociais, com base na relação de memória, perpassando por Halbwachs (2006) e Pollak (1989), e de gênero e sexualidade de Wittig (2022) e Butler (2018), em que se busca, também, compreender essa realidade dentro de uma concepção do contexto das tecnologias nos cenários de resistência.

Palavras-chave: Mulheres; Futebol; Sexualidade; Heteronormativa; Tecnologias.

Abstract

This study aims to present the existence and resistance of women in football from the perspective of gender and sexuality categories, using Monique Wittig's theoretical approach. In this sense, the research is constructed within a context that encompasses the impositions of hegemonic gender and sexuality, considering a heteronormative reality that extends beyond the four lines of the football field. Methodologically, it is a theoretical and analytical study analyzing the reality of women's football in Brazil as represented in the virtual exhibitions of the Football Museum and social networks, based on the relationship of memory, drawing on Halbwachs (2006) and Pollak (1989), and gender and sexuality from Wittig (2022) and Butler (2018), also seeking to understand this reality within a conception of the context of technologies in scenarios of resistance.

Keywords: Women; Football; Sexuality; Heteronormativity; Technologies.

Introdução

Os espaços do futebol, entre o Brasil e o mundo, delimitam-se sobre uma fortaleza de opressão e discriminação, em que mulheres e pessoas LGBTQIAP+ são expulsas social e historicamente diante da consolidação de um passado de exclusões e repressão. A presença de mulheres no futebol brasileiro é resultado de um longo processo de resistências que permitiram a sua existência no fazer do desporto dentro e fora dos campos de futebol. Consequentemente, a realidade atual reflete uma disparidade entre as modalidades do esporte,

¹ Mestranda em História (PROHIS/UFS), Licenciada em História (UFS). E-mail: juliabsvchaves@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0690967214374372>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1530-4229>.

manifestada no descaso econômico e cultural que se perpetuou através das décadas devido a ações políticas e estruturais para o futebol.

Ao verificar essa conjuntura, é possível identificar que a realidade das mulheres no futebol é transpassada por um debate que transita entre o gênero, a sexualidade, as classes sociais e a raça. Isto é, de um lado, as mulheres no futebol atravessam a fortaleza em que vigora uma masculinidade hegemônica, em que os homens são detentores do futebol (Knijnik, 2020), do outro, aquelas mulheres que fazem o futebol são impostas a uma identidade dissidente e ao discurso da sexualidade e da diferença social, sendo colocadas sob o aspecto da não-mulher e da lésbica (Wittig, 2022), de uma perspectiva nociva e negativa. Incisivamente, a conexão entre o discurso de gênero e sexualidade se estabelece dentro do futebol, em que a presença de mulheres desafia a ordem desportiva consolidada culturalmente no país.

O debate sobre as mulheres no futebol, em perspectiva principalmente aos estudos de sexualidade, permeia um cenário de influências da sociedade brasileira sobre o fazer do futebol, em que se visualiza o esporte como espaço não-democrático e autoritário. Seguindo essa lógica, ao se tratar de lesbianidade, a temática é colocada de escanteio no universo midiático e desportivo. Logo, a lesbianidade torna-se um assunto velado, em que se valoriza uma realidade de um futebol do espetáculo em detrimento às diversidades inseridas no universo dos futebóis.

Ao entender a relevância cultural e identitária do futebol para a sociedade brasileira, percebe-se o futebol de mulheres em consonância à lesbianidade e a percepção de um ambiente de violências causais no espaço do futebol. De acordo com Pisani (2018), os estudos que abordam a lesbianidade necessitam de atenção e compreensão, visto que a exposição das mulheres lésbicas pode atingir suas vidas profissionais e pessoais. Isso é resultado de uma construção histórica que coloca as homossexualidades às margens sociais impostas às violências simbólicas e físicas. Nesse entrelace, a lesbianidade torna-se assunto a não-ser-dito, perpetuando um espaço de exclusões.

Com base nisso, o futebol de mulheres está intrínseco ao discurso de gênero e de sexualidades, em que se desafia discursiva e ativamente a normatividade prevista dentro do fazer futebolístico. Entende-se o futebol, instrumentalizado pelos padrões sociais, enquanto agente de exclusões, porém, passível à exaltação das pluralidades e diversidades diante da emersão dos futebóis. Diante disso, objetiva-se discutir teoricamente a lesbianidade enquanto categoria dentro do futebol de mulheres e a abertura dos espaços para o debate sobre as

sexualidades no espaço desse esporte. Para isso, irá se constituir, principalmente, pela análise da exposição virtual “*Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+*” (2022) do Museu do Futebol, partindo da concepção histórico-expográfica em torno dos futebóis no Brasil, em que se percebe a evocação do futebol, da memória e da lesbianidade em centralização de debates dentro das noções das tecnologias e dos meios de comunicação atuais, especialmente se sob o escopo das redes sociais. Com base nessa construção, também será possível perpassar pela conotação em torno das diferentes formas de representações, enquanto produto e produtores de múltiplos debates sociais.

Utiliza-se o diálogo entre a concepção de gênero a partir de Wittig (2022), Scott (1995) e Fattuma (2023), assim como será possível percorrer a noção de sexualidade e lesbianidade com Fattuma (2023) e Batista (2020). Para a compreensão da memória, interliga-se a análise através da teoria de Pollak (1989) e Halbwachs (2006). Na congruência dessas relações para o espaço do desporto e, principalmente, do futebol, sustenta-se a construção com Goellner (1999), Kessler (2023) e Pisani (2018).

Portanto, tem-se como intenção compreender a lesbianidade entrelaçada com os debates de memória, percorrendo as noções categóricas de gênero e sexualidade. Em seguida, busca-se assimilar o debate com o futebol, enquanto espaço de expulsão das dissidências sociais. E, por fim, perceber o futebol e os futebóis enquanto espaço de diálogos e, assim, como a (não)mulher é capaz de fazer o futebol e ser compreendida social e culturalmente como pertencendo e fazedora dos ambientes futebolísticos.

A lesbianidade e a memória enquanto categoria de debates

O debate acerca da lesbianidade perpassa pelas categorias de gênero e de sexualidade, no entanto, sob a perspectiva de relações interseccionais; nesse segmento, primeiramente, percebido dentro da noção de gênero, entende-se Scott (1995) que compreende o gênero formado por relações sociais, mas também como a primazia da significação das relações de poder. Nessa perspectiva, Louro (2014, p. 45) apresenta que “os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder”. Diante disso, evoca-se a materialidade na categoria de gênero, enquanto possibilidade discursiva na compreensão em torno de construções sobre a lesbianidade e, conseqüentemente, as violências imbricadas sobre essa categoria social.

Segundo Butler (2018), o gênero age enquanto ponto de convergência da correlação de relações culturais e históricas. Dentro dessa constituição, percebe-se uma insistência da determinação de um binarismo de gênero e cisheteronormativo, em que Kessler (2023) aponta

que “ser mulher” define-se por sua pluralidade e não por concepções biológicas. E, por sua vez, seguindo uma lógica do universo desportivo, Camargo (2021, p. 35) aborda que “o esporte é uma instituição segregadora de gêneros”, isso, historicamente, fundamenta-se em uma sobreposição de ideais higienistas e eugenistas. O gênero, assim, delineia-se sobre diversos discursos e debates ao decorrer do tempo, manifestando-se de múltiplas formas no tempo presente, porém, sendo resultado de construções de memória homogeneizantes.

Perceber as relações de memória com o desenvolvimento da sociedade, permite a concepção da necessidade de identificar a influência das experiências interseccionais na conjuntura da formação dos processos discriminatórios. Isto é, ao observar as lesbianidades no contexto do futebol, entende-se que este também se relaciona diretamente com gênero, sexualidade, raça e classe social (Piscitelli, 2008), diante de um regime de normatividades imposto durante um regimento histórico do Brasil colonial (Maldonado-Torres, 2023). Torna-se possível a percepção sobre a amplitude de parâmetros dentro da sociedade que são analisados a partir das interseccionalidades mediadas pelas categorias sociais.

A vociferação em torno das relações intrínsecas entre categorias sociais de diferença perpassa justamente sobre a formação das relações de preconceito e discriminação, em que diferentes tipos de violência são construídos à medida das distintas relações sociais entre gênero, sexualidade, raça e classe social, sendo produto de versões da colonialidade (Lugones, 2008). Esses marcadores de diferenças são produtores de opressões e de desigualdades (Fattuma, 2023), em que urge a impossibilidade de compreender questões sociais em dissociação das relações interseccionais. De acordo com Santos (2018), a interseccionalidade corrobora para compreender as relações sociais, capaz de apresentar quem é beneficiado e vulnerabilizado por essas dimensões sociais.

Somado a isso, a compreensão sobre a lesbianidade perpassa incisivamente sobre a sexualidade e, a priori, percebendo a estruturação sobre a heterossexualidade, em que, segundo Wittig (2022), é um regime político que se estrutura na subserviência de mulheres. Falquet (2012) aponta a lesbianidade enquanto categoria recente, que promove constantes análises e debates sobre a imposição de identidades sexuais, a decretação de identidades estáveis, permanentes e inatas e, por fim, a concepção sobre identidade e personalidade. O conceito de lesbianidade, por sua vez, é cunhado em torno de disputas teóricas quanto à superioridade de estudos sobre a heterossexualidade, passando a priorizar a relação da lesbianidade com a visibilidade identitária, política e de memória, além de compreender a sexualidade enquanto agente de opressão (Lemos, 2019).

A sexualidade, assim, margeia-se sobre um processo que age enquanto censura de corpos e de vivências diante de um segmento de oposição entre homem e mulher (Wittig, 2022), em uma natureza reducionista e biologizante (Fattuma, 2023). Ou seja, há uma tendência social de associação da sexualidade aos papéis sociais do homem e da mulher, sob um viés normativo, patriarcal e sexista. Conforme disserta Fattuma (2023, p. 52), “a lesbianidade não está fixa na cisgeneridade”, em que a negação da dimensão política e afetiva das mulheres lésbicas, sobretudo transexuais e travestis, reverbera-se sobre a alimentação da estrutura patriarcal que está ativamente relacionada ao futebol.

A discussão sobre a lesbianidade enquanto categoria urge também do ato de compreender como a sociedade orchestra discursos em torno da manutenção de formas de poder e, com isso, a memória serve à conservação de regimentos repressivos e à perpetuação de uma realidade patriarcal, heteronormativa e sexista. Diante disso, precisa-se perpassar pela memória no contexto das lesbianidades e, para isso, entende-se de início a noção de memória coletiva (Halbwachs, 2006) e memórias subterrâneas (Pollak, 1989) na compreensão dos efeitos da memória sobre a construção de representações e identidades sociais.

Entende-se o distanciamento entre memória histórica, este um encadeamento de eventos sociais e históricos, e a memória coletiva, que se apresenta em atribuição dos valores e significados aos eventos de modo simbólico, porém, que servem massivamente a uma estrutura social hegemônica (Halbwachs, 2006). Em vista disso, há uma exaltação de uma perspectiva hegemônica, possível de ser conectada com a memória coletiva, no sentido de formação de uma memória a partir dos ideais de sua época, mas que condicionam a formação de sistemas de representação em torno de imaginários coletivos perpetuados historicamente. Pollak (1989) apresenta as memórias coletivas amplamente imbricadas com a construção de uma memória de nação, que se alicerça amplamente com a manutenção de um poder que oprime e marginaliza grupos sociais.

Pode-se, assim, compreender a expulsão de memórias e de representações de grupos que não coincidem com uma perspectiva hegemônica – como negros, mulheres, LGBTQIAP+, indígenas, PCDs – e, conseqüentemente, não têm a memória disseminada socialmente. Diante disso, Pollak (1989) disserta sobre as memórias subterrâneas que se contrapõem a uma memória oficial, pois exalta e privilegia a memória de grupos subalternizados e marginalizados. O cenário que se evoca delinea-se sobre a contraposição entre a exaltação e o esquecimento, a partir de memórias que traçam dois cursos: a oficial e a marginalizada.

Ao articular a noção de memória, gênero e sexualidade, incide sobre uma possível verificação em torno das lesbianidades, enquanto categoria que converge sobre o não-dito. A lesbianidade surge enquanto categoria de entrelace entre gênero e sexualidade, formando múltiplas identidades e corporeidades, em que não reside um processo de homogeneização de vivências, histórias e memórias (Fattuma, 2023). Nesse entrelace, é possível entender que o ‘não-dito’ não está fixo no silêncio, ele pode passar do não-dito até a reivindicação e contestação social (Pollak, 1989), ou seja, o não-dito não é estável, pois está passível das transformações sociais e culturais.

Exemplo disso materializa-se mediante Kessler (2023), que aponta como historicamente houve o desprestígio e o menosprezo da participação das mulheres na historiografia esportiva. E, por sua vez, a consequência no campo do futebol – seja em seu período elitizado, seja em sua fase popular – estrutura-se em um espaço massivamente de homens para homens (Souza Júnior; Reis, 2023). Com isso, pode-se perceber o efeito das construções de memória no campo desportivo, que perpassam entre uma memória oficial e subterrânea, posto como a influência da determinação de hierarquias de poder serve ao desenvolvimento do futebol, visto a imposição de padrões sociais normativos a homens e a mulheres, porém, que variam temporal e contextualmente (Kessler, 2023).

Em se entender as mulheres lésbicas e as lesbianidades defronta-se com a ideia da não-mulher, isto é, estrutura-se socialmente a construção em torno da mulher como ser natural e o homem como ser social, atribuídas ao viés econômico-capitalista, por consequência, a mulher que rompe com as imposições sociais, principalmente da maternidade, torna-se outra coisa, que não mulher (Wittig, 2022; Moita; Ahlert, 2023). O discurso, assim, é difundido e construído em torno de silêncios que moldam a memória e perpetuam simbolismos de violência moldados pela ausência de escuta (Pollak, 1989). Ao se tratar da experiência lésbica, rege-se a imposição da heterossexualidade que desenvolve, deturpa e divulga a mulher lésbica enquanto não-ser, desviante e anormal (Batista, 2020).

Paralelamente, consegue-se entender a lesbianidade enquanto categoria atravessada pelos debates de gênero e sexualidade, que rompe com as imposições sociais, históricas e identitárias de um viés hegemônico e que, por sua vez, ascende sobre um deslocamento dos próprios conceitos. Isto é, é preciso tornar nítido que as concepções de gênero e sexualidade do Sul Global dialogam diretamente com as heranças de um passado colonial (Fattuma 2023), logo, a influência da percepção em torno dos conceitos está interligada aos princípios escravocratas, patriarcais e heteronormativos. E, assim, segundo Batista (2020), compreender

a lesbianidade perpassa por diluir a concepção institucionalizada do que é ser mulher, portanto, precisa-se revisitar e reorganizar as memórias e as representações.

O espaço da sexualidade no futebol: a opressão em evidência

No campo de estudos sobre o desporto reverberam-se debates múltiplos sobre as potencialidades de retomar as identidades lésbicas e o ser mulher, a partir de memórias e esquecimentos. No entanto, direciona-se, neste trabalho, compreender a influência dessa relação entre memórias e lesbianidades dentro do contexto dos futebóis, analisando representações da exposição virtual do Museu do Futebol que evidenciam ou negligenciam as lesbianidades. Diante disso, questiona-se sobre o futebol, os futebóis e o espaço para a identidade lésbica no desporto. Torna-se interessante compreender que a evocação dessas mulheres transita amplamente entre a violência e o silenciamento, em que sua lesbianidade é utilizada como agressão, assédio ou esquecimento, consolidando estratégias de manutenção do poder que pode ser observada por silêncios narrativos e representativos.

Entender onde é possível incluir a sexualidade dentro do futebol perpassa pelo questionamento: onde está o debate sobre a sexualidade na sociedade? De forma incisiva, a sexualidade dissidente é, ainda, compreendida como desviante e anormal, principalmente fora dos grandes centros urbanos, em que a discussão sobre sexualidade debruça-se sobre os papéis de gênero cunhados sob uma perspectiva heteronormativa da sociedade. Verifica-se o espaço do futebol enquanto reflexo dos debates sociais, assim, o debate sobre sexualidade está diante da expressão de jogadores e sua masculinidade hegemônica que se reverte às manchetes de jornais, revistas e redes sociais.

A performatividade de gênero é inerente ao fazer do futebol tradicional, em que a violência e a masculinidade entrelaçam-se extra e intracampo. Butler (2019) afirma que a performatividade atua como a reafirmação dos conjuntos de normas e, por consequência, se fortifica no tempo presente e silencia/oculta/dissimula as convenções sociais que se repetem. Diante disso, é possível pensar de acordo com Santana (2023), que discute sobre a (in)transparência no futebol e sua coalizão social, apontando que

O futebol não está apartado da sociedade. Logo, a coação por transparência, a *coisificação* do ser humano, a busca pela uniformização e pela simetria também o atingiram, e quando isso ocorre atomiza-se o jogo e os seus protagonistas. O fato é que a transparência é incompatível com o jogo de futebol. Por quê? Porque o futebol é qualquer coisa, menos transparente. Qualquer coisa, menos controlável. Qualquer coisa, menos uniforme. Ao envolver vários indivíduos em interação, o jogo de futebol se constitui num

sistema e, como tal, tende a manifestar propriedades emergentes, ou seja, não previsíveis (Santana, 2023, p. 110).

Santana (2023) inicia uma discussão que permite múltiplas interpretações e construções, isto é, o fato de o futebol não ser transparente ou controlável pode estar associado à sua real imprevisibilidade – em resultados, ações, influências técnicas, de torcida –, mas também sua intransparência pode ser atribuída a sua ocultação, silenciamento e esquecimentos àqueles que fazem o futebol. E, isto posto, entender-se-ão os contextos possíveis dentro da intransparência do futebol de mulheres, suas diversidades e diálogos possíveis.

Seguindo essa lógica discursiva, Butler (2018) apresenta as mulheres enquanto irrepresentável dentro de uma lógica social masculinista e uma linguagem falocêntrica. No futebol, essa perspectiva é ampla, consolidando historicamente o futebol enquanto espaço hegemonicamente masculino, em que Douglas (1976) coloca o futebol de mulheres como agramatical. Exemplo disso é percebido em uma entrevista realizada com João Saldanha – divulgada nacionalmente e também publicada no jornal *Gazeta de Sergipe* em 23 de setembro de 1990 –, que dizia que “não pegava bem” falar que sua namorada era ‘zagueiro do Bangu’. A impossibilidade de recolocação gramatical dos termos referentes ao futebol constrói o imaginário fundamental para o desenvolvimento dos espaços do esporte que historicamente e discursivamente, colocam-se opostos à presença de mulheres no futebol.

Butler (2018) aponta que as fronteiras analíticas permitem a estruturação de limites da experiência, que, por sua vez, são condicionados por um discurso cultural hegemônico. Essa percepção, dentro do cenário do futebol, corrobora para a fixação e a centralização da figura do homem – branco, hétero e cis – dentro do fazer do futebol. Ainda mais, essa determinação entranha-se com um espaço fundado em estruturas masculinas, que expulsam aqueles que desviam as normas propostas historicamente no futebol. Diante disso, Franzini (2023) disserta que

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino. Como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observador para a perfeita manutenção da “ordem”, ou da “lógica”, que se atribui ao jogo e que nele se esperava ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas (Franzini, 2023, p. 22).

A categoria de gênero dentro do futebol tradicional transita entre a tolerância e a expulsão, diante de uma herança de memória e de representação que oprime a presença das mulheres nos espaços do esporte. Nesse mesmo sentido, questiona-se sobre a possibilidade de discutir sexualidade – e, ainda mais, a sexualidade de mulheres – dentro do futebol. Para iniciar essa discussão, inicialmente, é necessário evidenciar que, nos estudos do futebol, surge o termo *futebóis*, que serve como marcador da multiplicidade identitária e da diversidade inerente ao futebol (Damo, 2018).

Toledo e Camargo (2018) apontam como os corpos são instrumentalizados a serviço da heteronormatividade no campo esportivo, em que a heterossexualidade é posta como obrigatória, por sua vez, é possível entender essa inferência como fator de que a heterossexualidade é categoria obrigatória em todo cenário e discurso social, como aponta Wittig (2022). Nos estudos de Dornelles e Santos (2023), é possível conferir a discussão sobre o futebol de mulheres e a sexualidade, em que se afirma que a sexualidade e o gênero são colocados como formas de hierarquizar a prática do futebol, nesse sentido, os autores apontam como a lógica binária segue a tendência e centraliza o homem no fazer do esporte. Essa relação permite inferir que os processos inerentes ao futebol são permeados pelo agente heteronormativo da sociedade, em que os espaços são preenchidos por valores excludentes e preconceituosos, que violentam e marginalizam grupos dissidentes em gênero e sexualidade.

Para compreender esse processo, perpassa-se neste trabalho pela exposição virtual do Museu do Futebol intitulada de “*Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+*” (2022), que aborda a prática do futebol LGBTQIAP+ no Brasil. Essa exposição percorre o desenvolvimento desse futebol no território brasileiro, através da formação de equipes e competições amadoras, apresentando imagens, organização e redes sociais. Diante disso, analisa-se as representações de mulheres lésbicas – atravessadas por sua pluralidade identitária – enquanto resultado de uma cultura e de uma memória de subversão dentro dos espaços que se debatem e fazem o futebol.

A exposição entrelaça-se com as categorias de gênero e sexualidade, existindo o diálogo com classe social. Há a utilização de imagens, equipes (como as *Madalenas*, *Meninos Bons de Bola*), por sua vez, há um trecho da exposição que exalta a presença de uma torcida organizada – chamada de “*As Marquezines*” – de uma das equipes, destacando a presença majoritária de namorados de atletas. Paralelo a isso, é possível estender essa análise para as redes sociais das equipes, compreendendo a organização e a dimensão positiva do campeonato intitulado de *Champions LiGay*.

A percepção normativa para a composição masculina do futebol também é uma realidade apresentável na exposição. Isto é, a utilização de *As Marquezines* – mesmo com o tom humorístico – reverbera sobre a posição da mulher no espaço tradicional do futebol – aquela que acompanha ou torce. Assim, o nome do principal campeonato amador direciona-se aos homens gays, correspondendo também à expressão diminuta das mulheres apresentadas na exposição do museu. Consegue-se perceber que há uma expressividade menor da presença das mulheres lésbicas nesses eventos, sendo, por sua vez, consequência da estrutura normativa da sociedade condicionada pela memória e história.

Em paralelo a isso, pode-se afirmar que há sim espaço para a sexualidade no futebol, desde que ela esteja paralela a reafirmação da heterossexualidade e os papéis de gênero ou que mantenha o papel diminuto da mulher no esporte. Ao acompanhar a vida de jogadores de futebol, por redes sociais, revistas esportivas e jornais, é possível visualizar como o futebol é construído através de narrativas que reforçam a heteronormatividade no esporte. Por sua vez, as aparições sobre mulheres são revestidas de sexualização e objetificação a serviço dos desejos e das vontades que reforçam a heteronormatividade e a subserviência da mulher na escala hierárquica do futebol.

A exemplo das relações de representação, pode-se visualizar nas matérias da coluna esportiva do jornal *Gazeta de Sergipe*, uma delas de 16 de fevereiro de 1989, que detém o título de “*A Loira*”, destacando a presença de uma “loira bonita e exuberante” que não foi esquecida nos treinos das equipes profissionais. Na matéria de 3 de maio de 1989, da coluna “*À Beira do Gramado*”, assinada por Givaldo Batista, expõe o desfile de mulheres na Arena Batistão, apontando que “Para quem está acostumado a só ver homem no gramado, a presença feminina serve muito bem para descontrair e limpar as vistas. Um bom colírio”.

Neste recorte apresentado, o jornal sergipano constrói uma narrativa que expõe a mulher enquanto objeto de desejo interligado à sexualização e à objetificação. Assim, a sexualidade é trabalhada em reforço ao imaginário coletivo que desenvolve o ser mulher à expressão da feminilidade, tanto quanto à composição da mulher-mito, que serve aos interesses de uma masculinidade hegemônica (Wittig, 2022; Butler, 2018). Paralelo aos jornais, é possível observar uma das maiores revistas esportivas do Brasil, a Revista Placar, que, em sua construção narrativa, se apropria da relação entre futebol e sexualidade como meio de exposição e rentabilidade.

A aproximação entre o jornal e a revista dá-se pela forma de exploração da imagem da mulher através do discurso pornográfico, que afirma e qualifica a inferiorização da mulher em

relação ao homem. De acordo com Wittig (2022, p. 60), “o discurso pornográfico é uma das estratégias de violência exercida sobre nós: ele humilha, degrada, é um crime contra nossa humanidade”, assim, esse tipo de discurso construído e naturalizado nas páginas de jornais, de revistas e, por sua vez, continuados e compartilhados em larga escala através das redes sociais, serve ao processo de perpetuação da submissão da mulher por meio de estratégias narrativas e de representação social.

Não obstante, a sexualidade nos discursos sobre o futebol é atravessada enquanto símbolo de violência. Segundo afirmam Bandeira e Seffner (2013), o futebol é uma instituição masculina que é produzida e produz masculinidades, diante disso, a rejeição à homossexualidade é tornificada dentro dos ambientes do futebol. Por sua vez, essa rejeição é refletida em episódios de violência para reforçar a marginalização, a expulsão e a negação da homossexualidade, Moura (2017) discute sobre a utilização do termo “bicha” nos estádios de futebol está relacionada ao intuito de desestabilização do jogador, que – dentro daquele cenário social – se manifesta com efeito negativo diante de uma ideologia dominante.

O espaço para debate sobre a sexualidade de mulheres no esporte, sendo marcado pelo preconceito e discriminação, em consequência dos princípios que violentam mulheres em uma estrutura social de negação. Nesse mesmo sentido, Dornelles e Santos (2023, p. 70) apontam que, por convenção, constrói-se um ideal de que “o futebol feminino é visto como fator de masculinização das jogadoras”, assim, segue-se uma lógica de associação entre gênero e sexualidade que promoveria a masculinização e o comportamento homossexual. Essa concepção é fruto da produção das homossexualidades enquanto anormais, pois fogem a normativa da heterossexualidade e, conseqüentemente, dos papéis de gênero socialmente construídos e postulados. Wittig (2022) visualiza esse cenário diante da perspectiva as lésbicas enquanto aquelas que fogem à norma, apontando que

As lésbicas são desertoras, escravas fugidas; as esposas desertoras também o são, e elas existem em todos os países, porque o regime político da heterossexualidade representa todas as culturas. Dessa forma, romper o contrato social heterossexual é uma necessidade para quem não consente com ele (Wittig, 2022, p. 82).

E, diante disso, delineia-se um espectro em torno das lesbianidades em que surgem como um grupo desviante, em que seus símbolos fogem à natureza feminina. Por sua vez, no futebol, a associação entre futebol e mulheres é construída em torno da proibição e do preconceito, em que, durante o governo de Getúlio Vargas, o decreto-lei 3.199/1941 promove a proibição da prática de desportos que não estivessem de acordo com a natureza da mulher,

isso atinge significativamente a prática de futebol por mulheres no Brasil. Com isso, de 1941 até 1979, o futebol de mulheres foi proibido politicamente no país, no entanto, uma proibição moral e representativa ergueu-se e sustentou-se até o tempo presente.

Essa realidade atesta-se, por exemplo, com o regulamento da Federação Paulista de Futebol de 2001, que proibiu jogadoras com cabelo curto de jogarem as partidas de futebol. Insistentemente, é possível observar a gama de comentários – principalmente ao observar as redes sociais – preconceituosos e discriminatórios à presença e à existência de campeonatos de futebol da modalidade de mulheres. Possibilita-se, assim, afirmar que há uma insistência política e social que molda o espaço do futebol como um ambiente opressor às dissidências.

O futebol, dessa forma, usa a sexualidade como estratégia para a violência. Em que, o ser mulher no espaço do futebol está condicionado à masculinização, à lesbianidade enquanto fator negativo e à violência de gênero/sexual. Nesse sentido, a lesbianidade é colocada como matéria de exclusão ou de violência, em que a mulher torna-se vítima da opressão e do assédio devido à sua sexualidade. Assim, ao se tratar da mulher no futebol, a lesbianidade é imposta a condições de violência, em que a concepção histórica e representativa reverbera sobre o espaço como masculino (Franzini, 2023), mas também surge como categoria de luta e de resistência (Fattuma, 2023).

Entre a resistência e a opressão: a lesbianidade no futebol e nas tecnologias

No percurso do futebol, é possível entendê-lo a partir de inúmeras perspectivas enquanto espaço forjado a serviço das masculinidades (Franzini, 2023; Knijnik, 2020). A inserção e a presença da mulher no espaço historicamente masculino rompem o seu princípio formador – seja o da mulher, seja o do futebol –, consolidando àquelas que atravessam a fronteira masculinista do futebol como ameaça e, por sua vez, construindo um não-lugar no futebol. Isto é, aquelas que fazem o futebol – jogando, apitando, dirigindo, torcendo – são questionadas, invalidadas e oprimidas dentro e fora dos estádios, essa construção reverbera sobre ataques e violências morais, sexuais e físicas. Essa realidade age enquanto manutenção das estruturas de dominação e de poder dentro do futebol, em que, mesmo com avanços sociais – como o aumento das transmissões em televisão aberta e serviços na internet que transmitem gratuitamente competições femininas integralmente – é possível observar a insistência de ataques às mulheres que fazem o evento esportivo.

Scott (1995) aponta a categoria de gênero como estruturante inicial para as relações de poder. Assim sendo, entende-se, dentro do futebol, que o gênero é utilizado como forma de

expressão de poder que age de forma simbólica sobre a prática do desporto, que configura a estruturação de uma rejeição do futebol às mulheres através de relações de poder que se apropriam da sexualidade como agente de inferiorização. A normalização do futebol enquanto masculino dá-se não somente pela linguagem generificada (Scott, 1995), mas pela determinação da aceitabilidade da heteronormatividade (Butler, 2018), no qual toda expressão que foge aos segmentos performativos de gênero é posta à marginalização e à discriminação.

Cox e Thompson (2001) discorrem que o discurso sobre a heterossexualidade está interligado às abordagens de gênero e, com isso, contribui-se para a noção de que mulheres que praticam o futebol atravessam as barreiras de gênero e de sexualidade. Diante disso, a condicionante que se dá é a imposição da lesbianidade como categoria negativa àquelas que fazem o futebol. Esse discurso age contra o fazer do futebol, em que afasta meninas e mulheres dos espaços do futebol, devido à violência alicerçada e praticada contra aquelas que fazem o futebol.

Nesse processo constitutivo, é possível entender que os modelos de promover a representação agem enquanto ferramentas que transitam entre formas de opressão e resistência. Isto é, Hall (2022) aponta que os sistemas de representação traduzem a realidade do contexto que é produzido, tal qual Halbwachs (2006) aponta sobre a construção da memória coletiva. Nesse caso, a memória que se perpetua socialmente sobre a lesbianidade qualifica-a como negativa, por sua vez, o desenvolvimento e suas relações sociais entrelaçam-se com modelos negativos, enfrentando processos de opressão e marginalização.

O futebol e a lesbianidade entrelaçam-se justamente em um processo de opressão que, ao ser percebido nas formas de produção da representação do tempo presente, é fortificado pelo anonimato que as redes sociais permitem. Remenche, Machado e Rohling (2020) promoveram um estudo de análise sobre a sexualidade, identidade e femininos através das redes sociais, pontuando que a internet possibilita novos modelos de posicionamento na sociedade, principalmente através dos novos meios de comunicação e interação, como as redes sociais.

Figura 1 - Comentários sobre o futebol de mulheres em redes sociais



Fonte: Imagens retiradas da internet (redes sociais).

Ao analisar as redes sociais, em páginas que divulgam o esporte, é possível perceber como há uma normalização do preconceito e da invalidação constante das mulheres no futebol. A Figura 1 apresenta alguns comentários realizados em distintas redes sociais sobre o futebol de mulheres, a seleção brasileira e a narração de mulheres, inegavelmente, os comentários são violentos, perpassando pelo preconceito, o sexismo e a violência sexual e de gênero. A divulgação de mulheres e suas práticas desportivas reverbera nas redes sociais de maneira similar ao que foi construído social e historicamente, em que a relação gênero e sexualidade torna-se evidente, ao passo que há a destituição da sexualidade como identidade e evocada enquanto matéria de opressão.

Essa correlação tecnológica é observável nas novas formas de comunicação, seja exposições, seja redes sociais, que pluralizam experiência em direção a processos de informação, atingindo divulgação positiva ou negativa. O paralelo assim estabelecido evidencia meios de compreender a presença de mulheres lésbicas nos espaços do futebol profissional e amador. Em que, de certo modo, percorre os processos de ampliação de perspectivas sobre o preconceito e a discriminação que são atravessadas pelas formações de violência de gênero e de sexualidade.

Por outro lado, a lesbianidade pode também agir como agente de resistência dentro da prática do futebol e na ascensão de um discurso sobre os futebóis, admitindo a integração e a diversidade dentro do futebol amador e profissional no Brasil, diante de relações possíveis observada em Lemos (2019) e Fattuma (2023). A presença de jogadoras lésbicas no futebol profissional é uma realidade, sendo assim, a exposição em redes sociais de suas vidas privadas torna-se temática de representatividade dentro e fora dos campos de futebol, apesar disso, essa resistência poucas vezes torna-se temática na imprensa; contrariamente, a vida pessoal de jogadores héteros e cis é conhecida e abordada amplamente em redes sociais e telejornalismo que seguem a conjuntura do futebol tradicional, patriarcal e marginalizador.

Nesse segmento, a lesbianidade por mulheres lésbicas aparece socialmente como eixo de apoio e de resistência. Ao analisar produções de redes sociais, entende-se a simbiose da tecnologia como apoio a ampla divulgação, como canais informativos sobre o futebol de mulheres, que também são organizados por mulheres LGBTQIAP+, como os portais “*Dibradoras*”, “*Passa a bola*”, “*Fut das Minas*”, além de jogadoras e jornalistas que abordam a lesbianidade em suas redes sociais.

Nesse contexto, utiliza-se do cenário tecnológico as possibilidades no intermédio entre o virtual e o físico para a evocação das lesbianidades enquanto resistência. Ao se tratar dessa relação com o futebol, entende-se o Museu do Futebol (SP) como vetor e referência sobre a (re)construção das narrativas do futebol no país, em que parte de uma abordagem que privilegiava um único futebol, de homens e héteros (Moraes, 2009), para uma abordagem dos futebolís, abordando a diversidade existente no futebol e nos futebolís. Logo, ao perpassar pela exposição virtual buscou-se abordar as relações do futebol LGBTQIAP+ no Brasil e seus paralelos sociais em tons à memória e à história.

A exposição promove, assim, o questionamento inicial sobre a construção “o país do futebol”, porém, que omite historicamente a pluralidade do esporte, evidenciando a discussão sobre os futebolís no contexto museal e tecnológico. Nessa perspectiva, é possível visualizar um debate sobre o histórico e social, assim como o surgimento de ligas LGBTQIAP+ no espaço amador do esporte. Do mesmo modo, consegue-se perceber a apresentação de times constituídos por mulheres lésbicas, como a equipe *Madalenas* formada em 2017 na cidade de São Paulo. Torna-se relevante compreender que a exposição, mesmo que divulgadora do futebol LGBTQIAP+, comparativamente, apresenta o maior volume do futebol praticado por homens gays do que mulheres lésbicas ou pessoas transsexuais.

Por sua vez, essa realidade está dentro de uma consequência em relação às violências formadas diante das interseccionalidades sociais; isto é, Wittig (2022, p. 43) aponta que “a base da opressão da mulher é tão biológica quanto histórica”, ou seja, ao observar destaque e ocultamentos compreendidos a partir da relação gênero e sexualidade, é possivelmente compreendido como historicamente a sexualidade é subjugada a condição da mulher e sua opressão. Segundo Goellner (2005), o distanciamento das mulheres do futebol (e de sua representação em espaços sobre o futebol) é resultado da imposição da feminilidade hegemônica sobre a mulher, que atende aos requisitos da branquitude e da heteronormatividade.

Diante disso, consegue-se visualizar que o espaço institucional, de certo modo, insiste em uma narrativa que transita entre a opressão e a resistência. Através das tecnologias, as discussões sobre as lesbianidades e o futebol de mulheres tornam-se possíveis, porém, sujeitas aos ataques preconceituosos e discriminatórios dentro de redes sociais e meios de comunicação. Apesar disso, espaços virtuais como o do Museu do Futebol, permitem o acesso ao conhecimento e a ampliação da noção sobre a pluralidade do futebol e a existência dos futebóis no Brasil.

Considerações finais

A relação entre futebol, mulheres e lesbianidades entrelaçam-se entre dispositivos de opressão e de poder fortificados pela memória e por sistemas de representação. Ao se entender esses três alicerces, pode-se verificar uma construção em torno de marginalização e discriminação, em que a existência de mulheres no futebol está atrelada às proibições, lutas e resistências. Dentro disso, a lesbianidade aparece enquanto identidade, mas que, por vezes, é explorada negativamente e sentido de sexualização e objetificação.

Ao perceber a exposição do Museu do Futebol e as redes sociais, é possível observar as representações enquanto produto e produtores de discursos sobre o futebol de mulheres e suas pluralidades identitárias, similar as composições sociais de períodos passados, como desenvolvidos e conduzidos pelos jornais impressos. Por sua vez, através das novas formas de tecnologia, consegue-se perceber o processo de disseminação de debates acerca do gênero e da sexualidade em evidência no fazer do futebol brasileiro, compreendendo as formas de representação enquanto instrumentos dúbios, em que se pode haver a inclusão e a discriminação.

A introdução desse cenário nos espaços do futebol ocorre de forma massiva, em que o futebol se traduz enquanto reflexo desses debates da sociedade, conseqüentemente, as marginalizações em torno das sexualidades dissidentes são latentes dentro do esporte. Historicamente, há o desenvolvimento do futebol em torno da relação homem-futebol, enquanto as mulheres são expulsas, consolidando a fundação e a perpetuação do esporte enquanto masculino (Franzini, 2023), como possível de observar através dos periódicos. Essa realidade é consolidada a partir do desenvolvimento de sistema de representação, como pontuado por Hall (2022), que estruturam e formam uma memória que evidencia o pertencimento do futebol aos homens e à heterossexualidade.

O discurso da sexualidade percorre os recortes históricos e de representação, em que a mulher ocupa o espaço no futebol dentro do aspecto da sexualização e da objetificação. Em contrapartida, as mulheres lésbicas que adentram essa “fortaleza masculina” (Knijnik, 2020) são masculinizadas e desumanizadas, ao passo que em ambientes de debates culturais, a presença dessas jogadoras também é suprimida pela presença dos homens. Assim, a expressividade da mulher nesse cenário é condicionada às constantes disputas por existência e pertencimento no cenário social brasileiro.

De modo consequente, o desenvolvimento dessas representações, ainda hoje, relaciona o futebol ao ambiente masculino e heteronormativo, reforçado pelas tecnologias e os veículos de comunicação, como as redes sociais e os telejornais. Mesmo com espaços de resistência e ascensão do futebol de mulheres, ainda há uma constante opressão à modalidade, verificada fortemente por meio dos comentários machistas, sexistas e lgbtfóbicos. Por sua vez, os modelos de resistência também perpassam pelos sistemas de representação e de memória, em que agentes institucionais, como o Museu do Futebol, através das tecnologias, estão passíveis à divulgação do conhecimento e à reorganização das narrativas nacionais, como os futebóis no Brasil.

Fontes

Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 1 jun. 2025.

GAZETA DE SERGIPE, 03/05/1989. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/37657>. Acessado em: 2 jun. 2025.

GAZETA DE SERGIPE, 16/02/1989. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/37542>. Acesso em: 2 jun. 2025.

GAZETA DE SERGIPE, 23/09/1990. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/38476>. Acessado em: 2 jun. 2025.

MUSEU DO FUTEBOL, *Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+* (2022). Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/diversidade-em-campo-futebol-lgbtqiap-museu-do-futebol/tgVBvQE23FLSYA?hl=pt-BR>. Acesso em: 7 jul. 2025.

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço plural*, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944242012>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

BATISTA, Letícia Emília. **Chanacomchana**: um sopro do lesbianismo paulista nos anos de 1980. 2020. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/23360/4/Letícia%20Emília%20Batista.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Leituras de gênero e sexualidade nos esportes**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

COX, Barbara; THOMPSON, Shona. Facing the bogey: Women, football and sexuality. **Football Studies**, v. 4, n. 2, p. 7-24, 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Barbara-Cox-5/publication/242084098_Facing_the_Bogey_Women_Football_and_Sexuality/links/59cda7f7458515cc6aa4be5f/Facing-the-Bogey-Women-Football-and-Sexuality.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2025.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 3, n. 3, p. 37–66, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.3.3.37-66. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

DORNELLES, Priscila Gomes; SANTOS, Jilvania Santana dos. Narrativas de mulheres-jogadoras do interior baiano: rastro generificados do futebol feminino amador em Amargosa/BA. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020, p. 58-75.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, v. 6, n. 5, dez., p. 8-31, 2012. Disponível em: <<https://julesfalquet.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/05/art-port-romper-o-tabu-da-heterossexualidade.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

FATTUMA, Dedê. **Lesbianidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020, p. 22-34.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na revista educação physica. 1999. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2709/000280515.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005. DOI: 10.1590/S1807-55092005000200005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

KESSLER, Cláudia Samuel. Quais as contribuições das mulheres ao futebol? *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUFSCar, 2023, p. 187-198.

KNJJNIK, Jorge. Sou mulher ou futebolista? Ecos do passado e feminismo no futebol brasileiro. *In*: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020, p. 188-202.

LEMONS, Ana Carla da Silva. **Movimentos de lésbicas de Pernambuco**: uma etnografia lésbica feminista. 2019. 611 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/38040/1/DISSERTAÇÃO%20Ana%20Carla%20da%20Silva%20Lemos.pdf#page=29.61>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUGONES, María. Colonialid y Género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul.-dez., 2008. Disponível em: <<https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 27-54.

MOITA, Júlia; AHLERT, Martina. Lesbianidade, identidade e Teoria Queer. **Caderno Espaço Feminino**, v. 36, n. 1, p. 189–202, 2023. DOI: 10.14393/CEF-v36n1-2023-11. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/69862>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

MOURA, José Carlos da Cunha. O direito em fala: sobre bichas e homens no futebol brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 198, nov., p. 70-79, 2017. Disponível em: <<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/114464945/20999-libre.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

PISANI, Mariane da Silva. **'Sou feita de chuva, sol e barro'**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: doi:10.11606/T.8.2018.tde-11102018-110139. Acesso em: 03 jul. 2025.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>>. Acesso em: 13 jan. 2026.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278/1417>>.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; MACHADO, Paulo Henrique; ROHLING, Nívea. Discursividades sobre identidade, sexualidade e feminismo em redes sociais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-15, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ref/a/qzTZ9Tc8wLPghX6ZBRDnTLd/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 2 jul. 2025.

SANTANA, Wilton. A necessária intransparência do jogador de futebol. *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUFSCar, 2023, p. 109-132.

SANTOS, Ana Cristina Conceição. Lésbicas negras (re)existindo no movimento LGBT. *In*: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 331-345.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Dick' Kerr Ladies: uma história de mulheres, futebol, violência simbólica e resistência. *In*: SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; CARVALHO, Ricardo Souza de; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUFSCar, 2023, p. 219-234.

TOLEDO, Luiz Henrique; CAMARGO, Wagner Xavier. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLiA**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 3, n. 3, p. 93–107, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.3.3.93-107. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14646>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.